

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Siva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Mariel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 31

Abri! — 1883

2.º anno

MARIA LUIZA CALDAS

I

A sociedade portugueza, enervada em todos os seus organismos, resente-se poderosamente da má educação da familia. A influencia que na familia e nos povos exercem estes seres femininos, as suas attracções naturaes, a docilidade apparente do seu caracter e a meiguice das suas caricias operam sobre nós prodigios extraordinarios. A mulher é como o iman que nos atrahé, que nos seduz e que nos arrebatá, porfim. Ao brilho doce do seu olhar, ao som melodioso da sua voz teem humilhado a fronte laureada muitos heroes, que jámais se curvaram deante, dos grandes potentados da terra, e a um aceno simples da sua vaidade feroz teem-se committido attentados horribéis e perpetrado crimes hediondos.

Apresentemos um exemplo frizante. Catharina de Medicis, seduziu o animo fraco de Carlos IX e por tres dias, a destruição e o assassinio, o roubo e a devassidão passaram sobre Paris como uma nuvem destruidora de sangue e ella, a mulher cruel e devassa, ambiciosa e impia, fazia com que o rei, seu proprio filho, atirasse das janellas do Louvre sobre os desgraçados foragidos que pretendiam salvar a vida, transpondo a nado as aguas do Sena, illuminadas pelo incendio voraz da tyrannia. Essa mulher, em premio de tantos crimes, como recompensa de tantas façanhas recebeu as benções de Gregorio XIII e mandou ao papa a cabeça de Coligny, um almirante coberto de annos e de serviços, como attestado irrecusavel do seu glorioso feito.

Catharina de Medicis tinha porém o seu lado vulneravel ao bem e á justiça. Protegia as artes e as letras e no seu reinado construiu as Tulherias, como perpetuando o seu nome e as suas obras. A má direcção das suas faculdades, ao pouco desenvolvimento do seu espirito, atrophiado por uma educação jesuitica e ambiciosa, se devem decerto todas as loucuras e todas as atrocidades committidas por sua ordem ou com seu assentimento.

Estes factos historicos que, como outros ainda descrevemos n'este trabalho biographico, tendem a demonstrar a influencia da mulher na familia e nos povos que ella pôde convulsionar ou pacificar, alevantar ou destruir, — porque para isso possui a

pouco discutido e nada provado (1). Se a voz da historia não nos dissesse que Lucrecia, depois de concubina de seu irmão cardeal, o foi de seu pae, Alexandre VI, além de o ser tambem de muitos outros, bastar-nos-iam os documentos que transcrevemos para a justificação do crime.

Pisaux, na sua *Historia do Papismo*, diz: — «Alexandre VI, o celebre Borgia, cuja historia é assaz conhecida, é o typo do monstro moral; perjurio, concubinato, incesto, perfidia, crueldade, homicidio, envenenamento, adulterio, todos os crimes os mais hediondos, todos os vicios os mais infames foram praticados por este pontifice».

É. Belland, na sua *Chronologia dos Pápas e Antipápas*, pag. 198, escreve: — «Rodrigo Borgia tinha 25 annos quando foi eleito cardeal. Este grande libertino obteve os favores d'uma dama de nome Vanozo. Em 1483 tinha ella quatro filhos do cardeal, João, Cesar, Lucrecia e outro. Os dois que mais celebres se tornaram pelos seus crimes foram Cesar, que nasceu em abril de 1474 e Lucrecia nascida em 1480.

«Borgia foi eleito papa em 1493, sob o nome de Alexandre VI.

«Não houve crime que não praticasse. Foi amante de sua propria filha. Morreu envenenado com as mesmas substancias que elle tinha preparado e destinado para um cardeal, de cujas riquezas contava ser herdeiro».

As autoridades citadas convencerão decerto o jornalista minhoto que, na sua alta candura, chegou a duvidar que Rodrigo Borgia fosse um envenenador! Nós não pertencemos a seitas occultas. Somos, politicamente, republicano. Odiamos o padre e a igreja, o rei e o throno.

Todos teem um quinhão do nosso odio. Não desconheciamos, fazemos historia, não mentimos, espalhamos verdades.

Que nos desculpe estas digressões a nossa estimavel collega D. Maria Luiza Caldas, mas muito de caso pensado nos escudamos no seu sympathico nome para

(1) Vide *Jornal de Famação*, n.º 7, secção do Noticiario, *Bibliographia das Canções da Canalha*.



MARIA LUIZA CALDAS

força da propria fraqueza, os encantos que deslumbra e sobre tudo um instincto nato do bem ou do mal, desenvolvido consoante a influencia da educação recebida.

Quem pôde tambem deixar de attribuir á familiaridade do vicio os incestos de Lucrecia Borgia? Muito de proposito aproveitamos a occasião para de novo falar n'este assumpto, que a um distincto jornalista do norte do paiz, ainda parece

repellir uma affronta litteraria. Conceda-nos ainda a nossa illustre correligionaria umas breves notas ao jornalista citado, misericordioso correctivo aos dislates por elle commettidos.

Guicciardini diz: — «Borgia e seus filhos envenenavam, não só os seus inimigos, como tambem os seus favoritos para se apoderarem das suas riquezas» (1).

Burkhard, citado por Jules Bastide, no seu livro *Luctas Religiosas*, assevera:

«A familia dos Borgias, a quem Luiz XII não deixou de se aliar, ficou tristemente celebre na posteridade, tanto que basta pronunciar-se o seu nome para certificarmos de que nada de mais vil e cruel tem havido na humanidade. Sabe-se até onde subiu a devassidão dos costumes d'esta familia. Um só facto demonstrará o desprezo da vida dos homens no reinado d'Alexandre VI. Depois do duque de Candia, filho do papa, ser assassinado por seu irmão, o cardeal Cesar Borgia por ciúmes da preferencia que aquelle dava sua irmã Lucrecia, — um pescador contou, que tinha visto, alta noite, lançar-se o corpo do duque ao Tibre. Interrogado porque não havia revelado ha mais tempo o crime, respondeu serenamente: — Tenho sido testemunha de milhares de casos identicos e por isso julguei este sem a minima importancia!»

Mais; Barthelemy de Las Casas, na sua *Carta a Philippe II*, assevera: — «A perfida Lucrecia objecto da rivalidade de seus irmãos e viuva de tres maridos, conservou, segundo os historiadores, um commercio crininoso com o papa, seu proprio pae.

«Para que nada falte ao reinado de Afonso VI, foi elle quem do alto da cadeira de S. Pedro, partilhou com hespanhoes e portuguezes, o usufructo de todos os paizes recentemente descobertos pelos navegadores, lançando na America o exercito de *convertistas* que em menos de quarenta annos fez assassinar quinze milhões de creaturas humanas».

Por ultimo, no tempo d'Alexandre VI, Jeronymo Savonarola, por haver seguido em Florença o partido da Franca contra os Medicis, tentando fundar a liberdade politica sobre a reforma dos costumes dos povos e do clero, foi queimado vivo, por mandado d'aquelle exacerando, incestuoso e infame tonsurado.

Provado está que Lucrecia Borgia, além d'amante de seu pae, foi cumplice em todos os crimes por elle praticados, instigando os odios e accendendo as vis paixões de Alexandre VI.

Espalhou assim a sua má influencia sobre os povos e legou á historia os feitos horribres da sua perfidia e incestuosidade.

A mulher é, pois, não só na familia, como na sociedade em geral, um poderoso auxiliar de prosperidade ou de retrocesso, de felicidade ou de desgraça.

Contribue para qualquer d'estes resultados a direcção recebida e é por isso que affirmamos que a influencia da mulher portugueza é prejudicial, porque é pessima a sua educação, puramente methaphysica, sem ideaes, sem horisontes, sem aspirações, sem nada de util e de proveitoso.

As senhoras da nossa terra passam a vida bisbilhotando, intrigando-se, crendo em feitiços e benzedieiras, ou deleitando-se com os lyrismos do sr. Vidal, e as prosas dos velhos romanticos. De positivo nada sabem. Veem passar pelo espaço os astros deslumbrantes, ou deslumbrados e imaginam-os candeias infernaes acesas ou illuminadas por mãos phantasticas saídas das cavernas lugubres do diabo. Ensinam a balbuciar aos labios vermelhos da innocencia os nomes de Deus e de Christo, com um respeito comico que nos provoca

o riso e que ás creanças impõe terrores extranhos. Um padre para ellas é um enviado do ceu, quando para nós é um bandido da cruz, e s. m. el-rei, *nosso senhor*, um ente sobrenatural, quando para nós é um parasita coroadado.

N'estas condições passam a existencia nas egrejas, ouvindo o sr. jesuita Rade-maker, ou um lazarista qualquer, empalidecem, á noite, ao piano, jogam a busca com o papá, assignam a *Moda Illustrada* e transmittem esta educação doentia ás filhas que a seu turno a legam ás suas descendentes.

Aqui está, em geral, o que é e o que vale a mulher portugueza, — isto salvas raras excepções, porque ainda que raras, algumas existem.

II

Entre as excepções que nos é licito apresentar citaremos o nome da notavel escriptora D. Maria Luisa das Mercês Pereira Caldas, nascida a 24 de setembro de 1843, na villa das Caldas da Rainha, como o de uma senhora que por seus talentos, illustração e desinteresse tem sabido conquistar um logar proeminente na litteratura e no movimento revolucionario portuguez.

Educada até 1859 no collegio de Santa Martha de Lisboa, onde conseguiu ser premiada em todos os exames e outras provas de adiantamento, os dias da sua mocidade passaram-se na opulencia que a não deslumbrou, mas que bem pelo contrario lhe deu horas de verdadeiro dissabor. A menina de dezeseis annos, innocente como as violetas recatadas das alfombras, saída do collegio, sentindo a exuberancia da vida nova que se lhe desenrolava, preenhe d'encantos e de felicidade, — antevia já que, após a transposição de tantas venturas, a viria a envenenar, por entre as flores da sua mocidade, ainda, o aspide que se occulta á innocencia: — a desillusão das coisas do mundo e o perfeito conhecimento do egoismo da humanidade.

Assim, n'esta incertesa do futuro, passaram lentamente cinco annos, até que em 1864 contraíu casamento com um filho do sr. Maximiano Joaquim Pereira, do concelho de Torres Vedras, casamento annullado em 1874, a pedido da nossa biographada.

Aos trinta annos tinha a sr.^a D. Maria Caldas esgotado o calix do infortunio e o seu coração, propenso para o bem e para a justiça, ditou-lhe que tinha uma unica estrada a seguir, — a do dever, e uma unica religião a professar, — aquella que Christo pregou no Calvario, a religião do amor e da fraternidade humana.

Dedicou-se então a gentil escriptora á defesa da democracia e n'este campo é muito nobre e alevantado o seu nome glorioso.

Os gritos da miseria, escravizada por uma realsea absurda, os protestos dos que soffrem, espesinhados por um regimen devasso, desauthorizado e cobarde, os cantos heroicos, entoados por aquelles que esperam do porvir mais alguma coisa do que tyrannia e absurdos, acordaram no animo d'esta senhora o desejo de ser util a si e aos seus semelhantes, contribuindo para o movimento geral.

Assim tem ella collaborado valentemente na *Galeria Republicana*, *Independencia*, *Noventa e tres*, *Transmontano*, e n'outros jornaes do nosso partido, publicando, além d'isso, ha cerca de dois meses, um vigoroso protesto anti-jesuitico, que intitulou *Gladio Intellectual* e que dedicou ás damas fanatisadas da cidade de Braga.

Tanto n'uns como no outro trabalho tem a sr.^a D. Maria Caldas revelado a nitidez do seu espirito, irrequieto e ardente

como as aguas convulsionadas do oceano, anathematizando o passado, fustigando as faces do presente e fitando o olhar limpido e attrahente nos horisontes largos do futuro, que nos vem surgindo além, desannuviado e claro, como os chrystaes transparentes da Bohemia. Dotada d'uma fecundissima intelligencia tem ensinado ás mulheres portuguezas que ha outros deveres a cumprir, além dos que lhes impõe o *Manual do cosinheiro* e o *Açafate de costura*.

Quando a liberdade se approxima em todo o seu brilhantismo, destruindo os velhos idolos e arrasando os thronos amaldiçoados; quando a Sciencia rasga os veus negros do fanatismo, e faz em pedaços os habitos sombrios da hypocrisia; quando um sangue novo injectado nas arterias da humanidade de hoje impulsiona gloriosamente os corações dos que lutam; — a mulher, o anjo bom do lar, aquella que cria os nossos filhos, que nos conforta nas horas de fraquesa e que nos aconselha nos momentos de irreflexão, aquella que é nossa mãe, nossa irmã, nossa esposa e nossa filha, tem um dever sagrado a cumprir, tem que animar-nos para a lucta, contribuindo quanto possa para o advento da democracia que ha-de salvar o povo, a que todos pertencemos, do esphacelamento operado pelas garras sangrentas dos papas e dos reis, eternos aliados e eternos perseguidores do trabalho, da instrução, da virtude, da justicia e do direito.

Assim a sr.^a D. Maria Luisa das Mercês Pereira Caldas é um exemplo ás senhoras portuguezas, porque tem um triplice diadema que a engrandece: a virtude, o talento e o infortunio.

Que as damas do bom tom piegas e as burguezas lymphaticas, procurem imitar tão salutar exemplo e a nossa sociedade avançará muito na estrada da civilisação.

ERNESTO PIRES.

Com a devida venia transcrevemos do excellente jornal *24 de Fevereiro*, numero unico, que se publicou em Pernambuco, a seguinte poesia:

A THEOPHILO BRAGA

Não vimos te ofertar, um ramilhete, mestre,
As flores servem só para ensopear de aromas
A corolla do ar, algum jardim silvestre...
Ou para estreller as femininas comas.

Trazemos-te, porém, mais do que rosas: — fronte
Que se voltam p'ra ti, olhares que te fitam,
Cabeças juvenis, largas como horisontes,
E rubros corações de filhos, que palpitam.

Erge tu para nós a pensadora testa
E acolhe-nos. O sabio, assim como Jesus,
Deve ter para o fraco um riso bom de festa,
E aos cegos apontar a capital da Luz.

Nós quizemos, travez da atlantica planura,
Abraçar-te no dia a cujo sol memoras
Teu lar, teus velhos paes, a tua infancia pura...

— Fizemo-lo. Ha em nós uma invasão de auroras!

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

A monarchia e o jesuitismo

Estamos atravessando o seculo XIX, o seculo denominado das luzes e do progresso, e causa horror a todo o bom patriota e liberal observar o estado decadente e agonizante da nossa situação politica.

A monarchia, com os seus favoritos governos, alliada ao clero sagaz e á nobreza privilegiada, tem escravizado o povo, roubando-lhe as suas melhores garantias e collocando-o na triste situação d'um pária desherdado!

Enquanto a corrente da civilisação e

(1) Liv. VI, cap. I.

do progresso tenta emancipar o povo, as *testas coroadas* e toda a horda de parasitas que as rodeiam, vão derruindo, por outro lado, os alicerces que devem sustentar o grandioso monumento que symbolisa os direitos e liberdades dos povos. Os tempos que vamos atravessando são testemunhas d'uma lucta constante entre as trevas e a luz.

Os reis e todos esses potentados que tem por brazões a ignorancia, torpeza, venalidade e malvadez, refugiados nas trevas e empunhando as armas traçoiciras contra os seus vassallos, luctam constantemente para fazer da Justiça um mytho, do Direito uma força, da Representação Nacional uma mentira, e da Liberdade uma irrisão!

O povo é espinhado nos seus direitos mais sagrados, massacrado cada vez mais com iniquos e exagerados impostos, que representam um roubo e um vil attentado contra as garantias de seus villos.

Portugal, na sua phase decadente e demoralisadora, está prestes a submergir-se no abismo d'uma banca-rola, se alguns braços potentes e corações generosos não acudirem ao esphacelamento d'esta nacionalidade que foi grande e gloriosa e que hoje só pensa no seu epitaphio!

As artes, o commercio, a industria e a agricultura, verdadeiras fontes de riqueza d'uma nação, estão, como se sabe, n'um estado decadente, agonizante!

Os tratados ruinosos que os governos monarchicos tem feito com algumas nações, representam a nossa decadencia e aviltamento: o commercio paralysa e a industria definha!

A integridade da patria acha-se ameaçada; as nossas possessões ultramarinas, reliquias gloriosas dos altos feitos dos nossos antepassados, estão no mais completo abandono e a nossa autonomia quasi perdida!

Não admira, chegámos ao tempo das liquidações!

Babyonia, outr'ora, consentia que as mulheres vendessem a pudicia nas praças publicas; o sr. D. Luiz de Bragança e todos os seus mastins podem tambem consentir e desejar que a honra, independencia, moralidade e direitos dos seus povos sejam vendidos em hasta publica e para quem mais der!...

E Portugal nada em mar de rosas, no dizer dos corrilhos monarchicos!

Nada ha a esperar da monarchia para a salvação da patria; o paiz, conquistado por D. Afonso Henriques, á custa de innumerados sacrificios, está reduzido á triste situação feudal dos netos de Ignez Pires de Barbadão!

Triste realidade!

E enquanto Portugal lucta com as vascas da morte, acabrunhado pelo mal-estar financeiro, pela usurpação dos seus direitos, pela corrupção do funcionalismo publico e pela má direcção dos seus governos, que só sabem crear exageradas receitas, arrancadas com unhas vorazes ao povo laborioso e cercado de miseria, contrahir empréstimos dando por credor a — nação — e sem que esse capital amontoado seja empregado legalmente em occorrer ás primeiras necessidades do paiz, gastando-se, parte d'elle, em *tambochatas* e *muchas cosas mas...* o negro jesuitismo — seita dos amigos das trevas e do retrocesso — vae cravando as suas aduncas garras no seio das familias honestas e fanatisadas pelas embusteiras doutrinas dos partidarios da fogueira e da forca!

A carta de lei de 9 de setembro de 1773 e o decreto de 28 de maio de 1834 são letra morta para o governo do rei!

As leis do marquez de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar passaram para o livro negro do esquecimento, talvez porque os da governança as considerem trai-

doras á patria ou ainda loucas e decretadas por uns visionarios!...

Ainda ha pouco que no parlamento os srs. Pedro Martins e Marianno de Carvalho interpellaram o sr. ministro do reino sobre a questão jesuitica, e o da «Delphina do mal» fingindo-se liberal, deu umas respostas vagas e indeterminadas sobre tal assumpto, afirmando, por ultimo, que o governo saberia cumprir o seu dever... E' a resposta de todos os ministros, interrogados a tal respeito!...

Não ha que ver: o jesuitismo invadiu as altas e baixas *sociedades*, podendo dizer como Cesar: — *Cheguei, vi e venci!*

Os governos monarchicos não tem forças para cumprir os decretos da expulsão dos torpes filhos de Loyola... porque precisam d'elles!...

Compenetrem-se d'estas verdades os liberaes.

Os jesuitas hão de ser expulsos a tiros de bala quando o povo se unir e exclamar: — A elles!...

Podem estender os seus tentaculos peçonhentos por todo o paiz que a hora da redempção não tardará a soar, e então, ai de vós, *aves agouzeiras e de rapina!* E preciso que os nossos lares não sejam invadidos e viciados por esses vendilhões do templo que ainda almejam, em pleno seculo XIX, levantar forcas e estabelecer os supplicios tormentosos e deshumanos da torpe inquisição!

Em face da nossa situação politica e dos males que a atormentam, a integridade da nossa patria não tardará a romper-se.

O partido republicano, consciente dos seus actos e da santa causa que advoga, deve estar de atalaya para quando se der o primeiro desequilibrio.

E preciso que o sr. de Bragança não venda a patria ao estrangeiro, como a vendeu o bey de Tunis á França.

Porto.

COSTA E SILVA.

Os costumes do povo

(Continuação do numero antecedente)

A educação SUPERIOR da mulher, da *fidalgia*, essa consiste, segundo as exigencias da sua representação no mundo elegante, em instruir-se mais: na lingua franceza, de modo a julgal-a turca mais tarde... depois, o melhor possivel em piano, canto e dança (tres cousas de que a *melhor sociedade* exige da mulher a mais aturada applicação!); um *pedaço* de desenho, e... outro de pintura, sabendo lançar uns borões de tinta n'uma tela!

Fugir d'aqui, entregar-se a mulher ás lides da imprensa; subir á tribuna do orador popular, vendo alli a tribuna da verdade, dotada para esse fim d'uma instrução verdadeiramente superior, seria affrontar os costumes da escola em que se encontrou, merecendo, segundo os seus realengos defensores, os epithetos mais injuriosos e grosseiros!...

Estabelecidas assim as cousas, julga-se muito regular, que a mulher só tenha um entretenimento no seus momentos de ociosidade: parar em frente de todas as *mantras* do Chiado, e de outras ruas da baixa, admirando os figurinos do *bom tom*, de que a realça já fez uso, sem se importar com a arte escolhida nos marmores, ou com tudo o mais que respire o bello no cultivo das bellas-artes ou das sciencias onde o homem empregue os seus ocios e os seus disvelos.

Exactamente como nas questões politicas e economicas do seu paiz, a mulher não sabe o que sejam estudos superiores, ao contrario da mulher estrangeira que, segundo elles, se fórma na medicina, na

advocacia, e varias sciencias importantissimas, dispensando em grande parte a sua actividade na imprensa e na tribuna do orador!

N'esta parte, mau grado os *caranguejos* da monarchia que uns *maduros* para alli incensam vemos n'este campo uma portugueza, D. Maria Luiza Caldas, procurando honrar o bello sexo, aliviando-o do peso da sua indifferença, e castigando aquellos que a permitem!

Podiamos ir além, provando que a mulher exerce uma pequena parcella de auctoridade do homem, sujeita como se acha entre nós a tão perniciosos habitos, aduzindo outras razões, mas... não podemos, attentos os respeitos que nos merece. Não é mesmo nosso parte do que fica exposto em tal sentido, e sim d'uma senhora que em algumas assembléas isto tem sustentado! Como a mulher-se acha entre nós, devido á sua pouca instrução, e, portanto, servindo de elemento aos costumes desgraçados que por tal motivo ella sustenta; prova-se nos apupos que o homem lhe dirige em logar de respeitavel; prova-se na necessidade de pedir a outrem que por ella vele, fazendo-se acompanhar na rua e por toda a parte em que a falta da sua educação constitue mais um perigo do que fraqueza; prova-se emfim, que ella necessita fugir da retrograda escola da monarchia, deixando com os seus *apostolados da oração*, com os seus mezes de Maria, com o seu S. Luiz rei de França... com as suas Salvé Rainhas dos seus institutos de caridade para as creanças pobres; com os seus jejuns, com que a embala, e em tudo que mantém como costumes propriamente seus, para lhe atropiar a intelligencia, annullando-a para a familia e para a sociedade. O homem, esse que trabalhe com mais atinco, substituindo uns costumes por outros, fugindo á tutela dos padres e dos reis. Que reforme tudo que está a cair de pôdre. Hoje, que o povo tem uma escola verdadeiramente util e de que recebe as luzes que lhe faltam, filie-se n'ella, provando que nem tudo pôde nem deve ser eterno e, muito em especial, os maus costumes, embora arraigados desde muitos seculos, porque outros devem ser os costumes do povo!...

J. DE ROSIERS.

Os nossos estadistas

Pouco mais ou menos, para que dentro do systema monarchico constitucional que *felizmente* nos rege, qualquer homem, que tenha frequentado as aulas superiores, possa ser um estadista, um notavel, um eminente *estadista*, basta que tenha deda para fazer um empréstimo d'alguns milhares de contos, por menos um quinto ou um oitavo por cento que o seu antecessor nos bancos da governança, e possuir ao mesmo tempo a audacia precisa para sobrecarregar o contribuinte com alguns novos impostos. Estes dois predicados são o bastante para attestar de um modo indiscutivel a competencia dos nossos estadistas.

Colbert, Robert Peel, Pombal, todos, se existissem, ficariam a perder de vista, ao fazer-se o confronto entre elles e os nossos primeiros homens de estado: o *carissimo* (vae superlativo para ser mais forte!) chefe do partido regenerador; o *transparente* granjola; o grande Casal; o sr. José Dias; Corvos e Serpas; todos os nossos salvadores da patria deixariam n'um extasi profundo o insignificante Pombal, o inexperiente Colbert, e toda essa pleiade de *pygmeus* que a historia nos cita para aprendermos a glorificar os *sabios* de hoje, propriedades exclusivas d'este abençoado torrão chamado Portugal!...

Podemos garantir, para gloria nossa e

honra da monarchia (instituição tão adorada por todos os portugueses), que nenhum paiz possui *estadistas* tão habéis para fazer desaparecer no sorvedouro da governança publica milhares sobre milhares de contos, como Portugal! Economias?... Para que? «O povo pôde e deve pagar mais!...» E esta phrase que praticamente vae desenvolvendo todos os *arranjos* de um dos nossos primeiros *estadistas*, propomol-a para servir de base á sua immortalidade. Economias?... Para que? «O povo é como o limão, quanto mais se espreme mais sumo deita» portanto, é gastar á farta, a ordem é rica e os frades são poucos! Vamos, senhores contribuintes, é alargar os cordões ás bolsas, e para que não tenhaes razão de vos queixar, gozae com jubilo, ebrios de contentamento, o estalar dos foguetes e o hymno da carta! Tendes o tratado de Lourenço Marques, tendes a visita de Afonso XII de Hespanha, tendes o tratado de commercio com a França, tendes penitenciaria, estradas no Algarve, campo de manobras, os srs. 69 e 66 como vossos representantes no parlamento, possuis um Pimpão, e acima de tudo um *deficit* de 400 mil e tantos contos, tudo isto e o mais que a falta de espaço nos não permite relatar, productos dos vossos *estadistas*, que mais quereis? Que importa que metade da receita publica não chegue para pagar os juros do calote nacional? Não tendes rei por *graca de Deus*? Industria, commercio, agricultura... tudo isto são palavras vãs, são cousas sentimentaes com que vos não deveis importar muito. Para que a nossa ranchitica industria, o nosso insignificante commercio, a nossa decadente agricultura, emfim para que estes tres poderosos elementos de prosperidade nacional tenham a sua razão de ser, basta para a industria que paguem as materias primas mais direitos que os objectos fabricados; para a agricultura, que continue a importação em larga escala dos cereaes estrangeiros, e para o commercio, que lancem mais alguns novos impostos, e... que tenhamos *estadistas* que proclamem o livre tranzito, o livre cambio, a livre circulação!... Que importa que Emile Girardin estabeleça que «na vida industrial das nações a primeira idade é a importação, a segunda, a protecção, a exportação, a terceira, e a liberdade — o livre cambio — a ultima?...» Que importam estas banalidades, se temos grandes *estadistas*?! O povo que trabalhe, que se agunte com a albarda, que pague e não bufie, que não pense em votar segundo a sua consciencia, que nem sequer lhe passe pela mente de implantar o *systema* republicano, porque seria o epilogo da sua miseria, da sua ruina e sobre tudo a perda da sua autonomia, do seu *deficit* de 400 mil e tantos contos e dos seus... *carissimos estadistas*!...

O nosso paiz é o *nec plus ultra* da boa administração, por conseguinte não tenha politica e... viva a carta!...

REYS E SOUSA.

A missão democratica

A missão democratica não é nenhum villpendio, como julgam muitos que, pouco instruidos a esse respeito e creados no seio da velha monarchia, assim o entendem.

Não; a missão democratica só tem por base a liberdade e a solidariedade dos povos.

A missão democratica não é mais do que o recrutamento para a cruzada da liberdade, para essa cruzada sublime que, inspirada pelos clamores guerreiros dos

clarins e pelo rufar dos tambores, se ha de entrincheirar nas barricadas, n'esses baluartes da liberdade, e ahi reclamar pela força o que lhe negaram pela brandura.

Ha de chegar a Portugal uma epocha igual ás grandes acções do g3.

A missão democratica é o sopro sublime que ha de reanimar os povos e reconduz-os á guerra. Guerra bem triste, guerra de irmãos, guerra fratricida!

Comtudo essa missão só tem por fim a liberdade dos povos e a felicidade das nações. E é bem triste que no seculo xix, n'este seculo brilhante, cheio de vida e energia, seja preciso fallar da guerra, d'esse monstro que já ha muito devia ter desaparecido da face do mundo.

E' triste, na verdade. Mas que importa? Na França, n'essa nação que se vê agora animada ao sopro grandioso e sublime da republica, para plantarem essa idéa, para a verem germinar e produzir o sazonado fructo da liberdade, cahiram, offerecendo a vida á causa nobre e santa, milhares de cidadãos. A monarchia franceza por mais que recorresse á força, por mais que opprimisse o povo, nunca pôde esmagar o genio da revolução, nunca pôde apagar dos corações generosos essa idéa grandiosa que elles defendiam ao som das maviosas notas da *Marseilha*.

E essa idéa, essa liberdade que gosa a França, ha de germinar em todos os corações, e todos os paizes ao grito de fraternal equaldade, solto pelos republicanos, e depois á voz do suffragio universal, ao ruído da grande derrocada monarchica e clerical, poderão todos os povos entoar unisonos os seus gritos de jubilo fraterno, que irão retumbar por debaixo da abobada celeste, repercutindo-se nos ouvidos dos timidos monarchicos que se hão de occultar nas trevas, soltando o grito angustioso do desespero.

Que importa que para plantar essa idéa se sacrificem bastantes cidadãos? Não é esse o seu dever? Não devemos nós todos dar a vida pela salvação da patria?

E demais, caber-nos-ha o titulo de *martyres da liberdade*! O nosso nome será gravado na historia da nação, que rasgando o veu do futuro, passando atravez os seculos, mostrarão ás gerações vindouras o brilhante resplendor da nossa idéa.

Que importa que para pôr em vigor essa idéa grandiosa, para salvarmos a patria de um horrendo cataclismo, possamos perder a vida, traspassados pelas impias bayonetas monarchicas? Saberá a nova geração que ainda se não apagou de todo em nossos corações o amor da patria. Que ainda nos circula nas veias o ardente sangue lusitano, que em 1640 animava os grandes heroes, e que em 1820 fez assombrosos prodigios.

Quem sabe se esses heroes que nos apresentaram não tinham já o intuito de mais tarde verem desabrochar ao sopro da republica a liberdade dos povos e a felicidade das nações.

Nós somos os apóstolos da nova idéa, d'essa idéa magnifica que muitos acalentam no coração, d'esse horizonte que mais tarde nos ha de illuminar, rasgando-se sob um firmamento de infinita transparencia.

A missão democratica é uma missão grandiosa. A missão democratica só tem por fim descerrar as trevas onde se occultam os povos. Só tem por lema a liberdade, por estandarte a justiça, e por espada o facho civilizador.

Esperemos algum tempo, que talvez, ao passo que lamentarmos a morte de nossos heroes, possamos collocar essa idéa no seu lugar de justiça e honra.

Bem depressa pôde soar a hora de felicidade, e será repercutida pela trombeta da ousada idéa fraternal, realizando-se esse grande sonho dos povos, a *Republica universal*.

Abaixo a oppressão!
Abaixo a monarchia!
Viva a liberdade!
Viva a republica!

ALFREDO CABRAL.

CHRONICA

O jesuitismo continúa na sua propaganda damninha por todo o reino, com assentimento d'esse nefasto e devasso governo, que por infelicidade, ou desmazello, amigo *Zé* possui e conserva nos conselhos da corôa, porque assim apraz ao senhor de Bragança! Quando te resolverás, meu amigo, a munir-te d'um bom marmelleiro e a correr toda essa choldra, que te embrutece e te rouba? Se te conservas n'essa apathia por muito tempo, crê, meu amigo, que jesuitas e reis, esses irmãos siamezes, acabarão por vender-te.

*
*
*

A prova mais cabal que podes ter do nefasto governo que para ahi campeia infrene nas cadeiras do poder, é, meu amigo, o que no parlamento da *nossa fiel aliada* ousaram declarar que Portugal era indigno de existir como nação! Ah! que se existisse um Marquez de Pombal, não teria a orgulhosa Inglaterra o arrojo de proferir tal, porque custar-lhe-hia cara a ousadia! Como, porém, não temos um Pombal, mas sim uns *fantoches e mario-netes*, que se movem á vontade de certo *fantochine*, podes crer que a *nossa fiel aliada* hade acabar por nos empolgar todas as colonias, se tanto lhe aprouver, e se tu, que és o verdadeiro soberano, te não oppozeres a que semelhante humilhação se realise.

*
*
*

No domingo, 8, teve logar o duello entre o director d'esta folha e o sr. Pinheiro Chagas, ficando ferido este; era uma penencia de honra que a sorte das armas decidiu a favor do sr. Magalhães Lima.

*
*
*

A maior novidade parlamentar cá da parvonia, é a prorogação das côrtes até 2 de maio, afim de se discutir o orçamento-burla. Outra: foi roubada a sineta que servia para annunciar a chegada do presidente. Mas... como diabo a roubariam mesmo ao pé da sentinella?! Estaria ella a dormir? Seria tirada por ordem do caro *principe*, para augmentar a cunhagem das novas moedas de bronze-zinco-cobre-chumbo?! Talvez.

*
*
*

Os nossos compatriotas pernambucanos publicaram um jornal, *numero unico*, sob o titulo *24 de fevereiro*, para prestarem homenagem ao talento do nosso distinctissimo collaborador, o sr. dr. Theophilo Braga, pelo seu 40.º anniversario natalicio. Felicitamos o nosso amigo, e para agradecer o exemplar que nos foi enviado, publicamos em outro lugar uma poesia do mesmo jornal, e publicaremos em os numeros a seguir todas as outras que se encontram no mesmo.

DANTON.

No proximo numero daremos o retrato do sr. dr. Augusto Rocha.